

FUGA

Dr. polícia

Policial civil suspeito de matar garota não aparece

Luís Osvaldo Grossmann

Da equipe do Correio

13 MAR 1999

Há mais de oito meses, exatos 253 dias, Michelle de Oliveira Barbosa, de 16 anos, está desaparecida. Em circunstâncias diferentes, mas também desaparecido, está o principal suspeito; o policial civil J.P.S., de 34 anos, com quem a menina teria um relacionamento amoroso. Ele tirou licença devido a um ferimento acidental com uma arma e, em seguida, saiu de férias.

O policial entrou em contato com o coordenador da CPE (Coordenação de Polícia Especializada), onde há mais de dois anos ele trabalha na carceragem, e assumiu o compromisso de se apresentar logo ao final de suas férias, que venceram ontem. Antes, o policial estava de licença por causa de um ferimento na perna causado por um disparo acidental. O delegado chefe da Delegacia de Homicídios (DH), Luiz Julião Ribeiro, o aguarda com um mandado de prisão, expedido pelo Tribunal Criminal de Ceilândia. Mas o policial já deu entrada em um pedido de Habeas Corpus no Fórum de Ceilândia.

“Para a delegacia já está caracterizada a fuga. Mesmo estando de férias a família diz não saber onde ele está. Ele está foragido”, diz o delegado Julião. Como J.P. não apareceu ontem, a polícia pretende intensificar as buscas.

DRAMA

O pai de Michelle, o fotógrafo Givaldo Barbosa, tem acompanhado de perto as investigações e espera que J.P. seja encontrado logo. “Eu tenho que saber. Não posso viver minha vida sem saber o que aconteceu com minha filha. Como ele sumiu, dá até medo de que a menina não esteja mais nesse mundo”, desabafa. “Agora que ele não apareceu, se complicou ainda mais”, avalia Givaldo. J.P. tinha acesso a casa de Michelle — sua irmã é casada com um tio da menina — e os dois foram vistos trocando telefones em uma festa de família.

Há oito meses Michelle saiu de casa sem dinheiro ou documentos, levando apenas a chave do portão. A uma prima ela disse que iria na casa de uma amiga, mas foi vista entrando em um automóvel Ômega escuro, na companhia de um homem. J.P. tem um Ômega escuro, onde foi encontrada, no porta malas, uma mancha de sangue. Submetido a exames de DNA, ficou comprovado que o sangue no carro do policial pertence a um descendente dos pais de Michelle.

O inquérito policial também descobriu telefonemas com quase meia hora de duração entre Michelle e J.P., além de registros de idas a motéis. Michelle teria confessado a uma amiga que estaria grávida de um homem casado. Para a família da moça, o crime teria sido uma reação à gravidez. “Acho que minha filha disse para ele que ia contar tudo para mim e para a família dele. Aí ele planejou tudo”, arrisca Givaldo Barbosa.